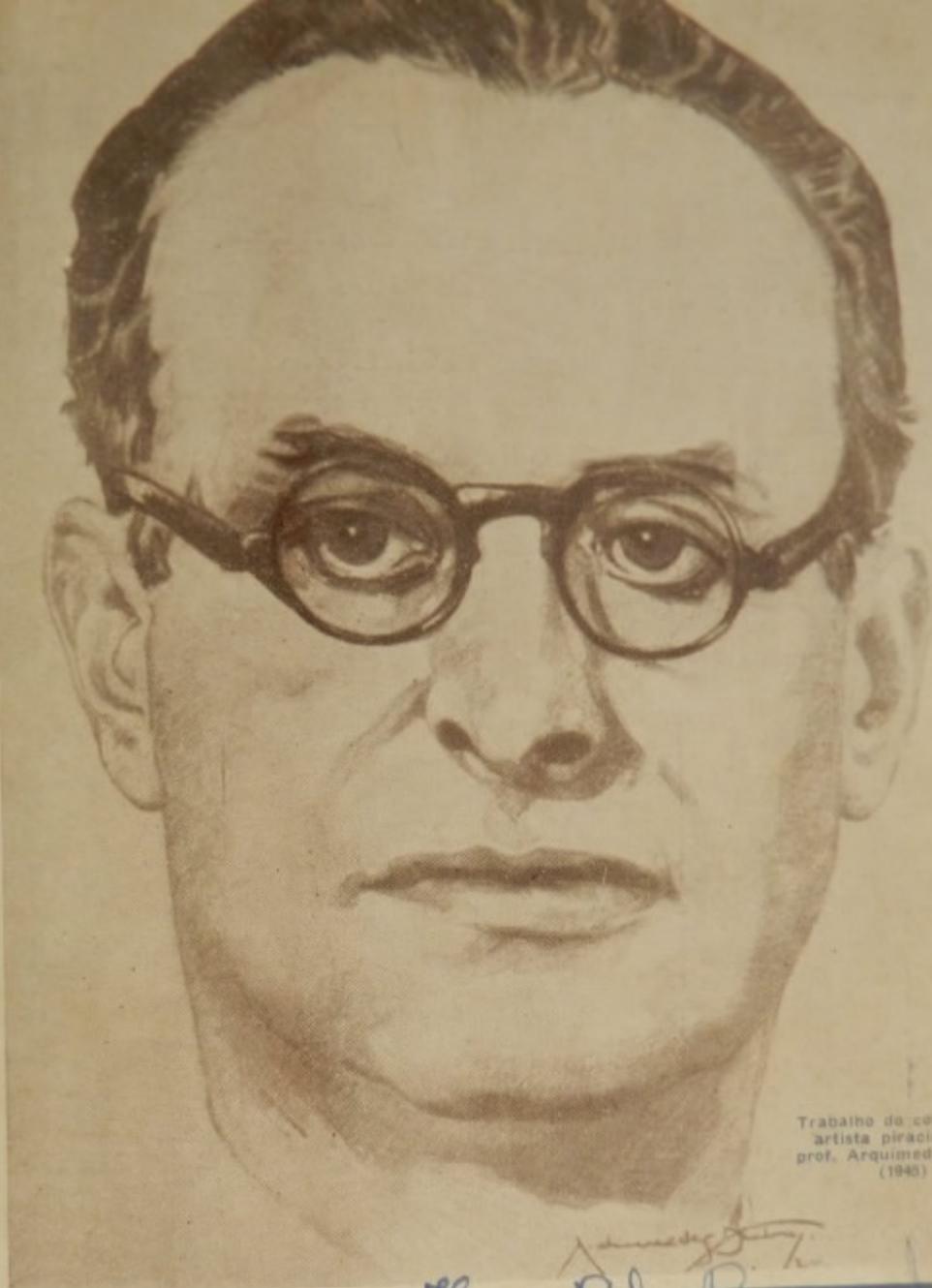


PREÇO PAGO  
INDICADO PELO EDITOR

50



Trabalho do consagrado  
artista piracicabano  
prof. Arquimedes Dutra  
(1945)

*Arquimedes Dutra*  
Hugo Bodo Pires

JANEIRO  
1960

# Revista do PROFESSOR

DO CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA

Foi por volta de 1914.

Lá fora, cumpria-se o vaticínio do grande João de Deus. Predissera ele, no prefácio de seu silábico que chegaríamos, um dia, a ensinar pela sentença. O mundo pedagógico tinha alcançado essa etapa. Passáramos da letra à sílaba, desta à palavra, da palavra à frase. Um pouco ainda e João Kopke — figura a quem a falta de perspectiva não permitiu se lhe fizesse justiça — alçaria a bandeira do "ensino pelo sentido", experiência que ainda está por se fazer, nesta terra onde a rotina é um fato e cônor, nesta terra onde a rotina é um fato e cômodo cuxim de fadas para o volutinoso espreguiçar-se de todos os meios inovadores...

Quando o chamado método analítico ou objetivo ou associativo, fez sua irrupção em São Paulo, os primeiros dados experimentais, sobre que assentavam os seus princípios orientadores, tinham vinte anos.

Dois insignes psicólogos franceses, V. HENRY e ALFRED BINET, fazendo pesquisas sobre o poder da memória infantil haviam concluído, por meio de experiências decisivas, em 1894, que "a memória verbal das frases é vinte e cinco vezes superior à das palavras isoladas". Multiplicando-se, dêse ponto de partida, as investigações, DECROLY e DEGAND, tomando, como material de experiências, letras, formas, sílabas, verificaram que enquanto para estas últimas a porcentagem de erro de retentiva infantil não ultrapassa 15%, nas letras atinge a quase 50%. O ilustre CHARCOT provou a existência da diversidade dos tipos sensoriais e as experiências de Smith, Kilpatrick, Baudrillat e Bousset, Jouckere e Munsterberg estabeleceram que um fato é tanto mais facilmente retido quando para ele concorrem mais memórias parciais.

Uma das experiências de Munsterberg é de clareza meridiana. Vale a pena reproduzi-la. Há muita gente ainda — até mesmo no professorado — que ignora e sempre ignorou porque se implantou nas escolas o método objetivo, quando o ensino de leitura sempre se havia obtido pelo sistema de silabação. Há quem creia que essa mudança se operou por um capricho da administração escolar e não como consequência de aturadas e conscienciosas investigações psicológicas.

Munsterberg tomou uma série de quadros brancos com algarismos pretos e outra série de quadros de cores e fez a experiência com um grupo de crianças da seguinte forma: a) só mostrando-os; b) só nomeando-os; c) mostrando-os e nomeando-os. O resultado da porcentagem de erros é esta: com os algarismos: a) 18,9 por cento; b) 14,2 por cento; c) 3,9 por cento — com as cores: a) 17,9 por cento; b) 29,2 por cento; c) 4,9 por cento.

As conclusões que brotavam espontaneamente desses inquéritos, obrigaram os psicólogos a rever os métodos de ensino em vigor no tempo e a propor-lhes as modificações essenciais que os pusessem de acordo com a marcha e a evolução do espírito. E o método chamado analítico, com uma base experimental dessa solidez, firmado em verificações de fato indestrutíveis,

não podia deixar de vingar. Vulgarizou-se nos Estados Unidos. E de lá é que nos veio pela iniciativa do Dr. Oscar Thompson, diretor geral da Instrução em São Paulo.

Ensaio imediatamente na aprendizagem da leitura, o método encontrou aqui dois escolhos de vulto: a resistência do professorado à novidade que quebrava o equilíbrio dos velhos modelos, e a sua processuação.

O primeiro impecilho, que não podia deixar de estar incluído no programa da vulgarização do novo método, teria sido remoção fácil, se se não quizesse levar em conta o fator tempo. Bastava uma propaganda hábil, tenaz e inteligente no intuito de persuadir o corpo de professores que ele respeitava as leis fundamentais do desenvolvimento da psicologia infantil. Mostraram-se apenas as vantagens práticas do sistema, sem atender com a intensidade que convinha, a justificar cientificamente a inovação. Antes mesmo que a campanha prática se houvesse espalhado por todos os grupos escolares do interior, uma "ukase escolar" determinou a obrigatoriedade da adoção do método analítico. Erro palmar de psicologia em professores da matéria. Por coisa parecida, os alemães perderam a partida da guerra na batalha do Marne. A pressa teria posto tudo a perder... se as escolas normais não houvessem com o correr dos anos, salvo a situação ao depois.

Tudo isso porque, em nosso país, faltam os órgãos consultivos e coordenadores que estabelecem a continuidade de orientação nos grandes serviços públicos: instrução, higiene, viação. Os nossos administradores, urgidos pelo pequeno lapso de tempo, que permanecem no governo, — quatro anos são uma insignificância para colher os frutos de qualquer reforma de longo alcance — e convencidos de que os seus sucessores abandonarão irremissivelmente aquelas medidas novas cuja execução foi deixada a meio, atamancam as soluções e prejudicam assim os planos de conjunto que apresentam as mais fundadas esperanças.



## MÉTODO ANALÍTICO

SUD MENNUCCI

(Esboço da introdução do método analítico publicado no Folhém do "Estado de São Paulo", de 22 de maio de 1927.

A segunda barreira, a da processuação, bem que mais difícil, não haveria sido um problema insolúvel se a houvessem encaminhado de outra forma. Diante da resistência do professorado, uma simples questão de tacto mandava que se apelasse para ele no sentido de procurar, ao vivo, as melhores formas de processar o novo método; lisonjeando-o, os administradores teriam obtido a contribuição espontânea brotando viva e quente do cadinho das experiências em classe. Mas essa atitude foi sempre tida, entre nós, como uma confissão de impotência que os dirigentes de serviço não poderiam oferecer. Há não sei que espécies de arranhões no decore e na dignidade dos altos cargos em chamar expressamente e oficialmente em auxílio da direção o concurso dos seus subordinados. E quando as maiores cabeças do universo, em qualquer ramo de atividade humana, não têm

pejo de confessar publicamente a sua ignorância em determinado assunto, nós nos recusamos a reconhecer que a educação ainda é uma ciência em estado incipiente e que precisa da contribuição desinteressada e apaixonada de todos.

E assim, em lugar de proceder a intensivos inquéritos no maior número de classe, de espicaçar a curiosidade dos mestres-escola, prolongando as experiências por um lapso de tempo ilimitado, a fim de organizar um ou vários padrões de modelo no processar o método, estabelecem-lhe imediatamente os moldes oficiais. E' verdade que foram estes traçados pelos mais acatados mestres de que São Paulo se orgulha no tempo, mas não menos certo que a processuação ganhou de pronto dois delírios: a sua divisão em "passos" e horror de confundir a novidade com o método da silabação. No fundo o "pas\_o" era apenas o pavor de que o mestre, preso ainda ao velho sistema, quisesse valer-se dele numa das fases da aprendizagem pelo novo. E como o processo, por sua incontornável contingência, fatal e humana, não pôde libertar-se em três tempos do quadro mental que lhe or-

ganizara a sua formação profissional, continuando a miúdo os preceitos inovadores com a intrusão das antigas praxes, o "passo", mero expediente didático, artificialmente aceitável e mesmo aconselhável numa hora de transição, espécie de andaime para a construção de uma casa, viveu ordem, ascendeu ao dogma, fez-se símbolo e acabou tabú. Puro tabú: chegou-se a determinar, não me lembro se o oficial ou oficiosamente, o tempo de duração do passo; seria um contra-senso, se não fosse antes uma pilhéria. Porque não se limitava a desconhecer a equação pessoal que é o temperamento de cada professor, e a sua qualidade de barômetro mental das classes. Fezia mais: decretava a mais perfeita, a mais absoluta, a mais formal identidade de formação e de constituição cerebral das crianças do Estado. Uma "trouvaile". Como se São Paulo não fosse, antes de mais nada, a terra clássica da imigração, a colcha de retalhos das nacionalidades.

Também é verdade que a determinação não foi cumprida, como de regra todas as ordens que, como essa, não aberram apenas ao simples bom senso, mas que se revoltam até mesmo contra os postulados da fisiologia.

Respeitando a divisão dos passos, surgiram, no tempo, diversas cartilhas que o magistério consagrou como excelentes e as quais, incontestavelmente, monopolizaram as preferências e se constituíram em breviário do método associativo.

É significativo, contudo, registrar que o professorado primário nunca se conformou com a imposição que lhe vedava utilizar-se da silabação no sistema analítico. Teve sempre a desconfiança — digamos mesmo a certeza — de que aquela era um estádio deste. E em tentativas isoladas e clandestinas — assistí a algumas — sempre se valeu do expediente quando a hora lhe parecia oportuna e propícia.

E como os resultados, apesar do anátema oficial, o compensavam da desobediência, tal praxe, e praxe muito seguida, praticar, às ocultas, a entrosagem dos dois métodos, negando-o, porém, precisamente em público.

Isto durou até que a lei de 1920 garantiu, numa das suas mais cábias disposições, a autonomia didática do corpo docente estadual. Daí por diante, pôde cada um processar o método à vontade, sem precisar esconder aqueles ardis que as autoridades condenavam.

Da massa do magistério militante, obscuro e anônimo, é que nos têm vindo as inovações de maior valor e que mais fizeram pela criação de um tipo, de escola brasileira. E isso sem a mínima ajuda oficial. Cem anos depois de regulamentado o exercício da profissão do mestre-e-cola, falta ainda, no Brasil inteiro, aquele instituto que seja capaz de surpreender as capacidades latentes e que saiba encaminhar no caminho das experiências todas as pequenas medidas que o professorado inventa diariamente para facilitar aos seus discípulos a tarefa da aquisição dos conhecimentos.

Todas essas pequenas conquistas andam por aí dispersas e desaproveitadas da grande maioria por lhes faltar o centro que as conduta a um círculo de mais larga ressonância.

## SER VIR

Tóda a natureza é um anelo de servir. Serve a nuvem, serve o vento, serve o sulco. Onde há uma árvore para plantar, planta-a tu; onde há um erro para emendar, emenda-o tu; onde há um esforço a que todos se esquivam, aceita-o tu. Sê aquele que afastou a pedra do caminho; o ódio dos corações, e as dificuldades de um problema.

Há a alegria de ser são e a alegria de ser justo: porém há, sobretudo, a alegria de servir. Quanto seria o mundo se tudo já estivesse feito, se não houvesse um rosal para se plantar, uma empresa para se empreender! Que não te chamem apenas os trabalhos fáceis. E' tão belo fazer aquilo a que os outros se esquivam! Porém não crias no erro de que só há méritos com os grandes trabalhos; há pequenos serviços que são serviços imensos; adornar uma mesa, arrumar uns livros, pentear um menino em teu lar!

Aquele é o que critica, êsse o que destrói? Sê tu o que serve. Servir não é tarefa de seres inferiores; Deus que dá o fruto, a luz, serve. Poderia chamar-se assim: O que serve. E tem os olhos em nossas mãos e nos pergunta cada dia: Serviste hoje? A quem? A árvore, a teu amigo, à tua mãe?

GABRIELA MISTRAL